

FÉ *para* HOJE

Comprometida com a Fé que foi entregue aos santos.

Número 3

Ano 1999



Fé *para* *Hoje*

Fé para Hoje é um ministério da Editora FIEL. Como outros projetos da FIEL — as conferências e os livros — este novo passo de fé tem como propósito semear o glorioso Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para a salvação de almas perdidas.

O conteúdo desta revista representa uma cuidadosa seleção de artigos, escritos por homens que têm mantido a fé que foi entregue aos santos.

Nestas páginas, o leitor receberá encorajamento a fim de pregar fielmente a Palavra da cruz. Ainda que esta mensagem continue sendo loucura para este mundo, as páginas da história comprovam que ela é o poder de Deus para a salvação das ovelhas perdidas — “Minhas ovelhas ouvem a minha voz e me seguem”.

Aquele que tem entrado na onda pragmática que procura fazer do evangelho algo desejável aos olhos do mundo, precisa ser lembrado que nem Paulo, nem o próprio Cristo, tentou popularizar a mensagem salvadora.

Fé para Hoje é oferecida gratuitamente aos pastores e seminaristas.

Editora Fiel
Caixa Postal 1601
12233-300 - São José dos Campos, SP

www.editorafiel.com.br

Conteúdo

O Grande Deus Maravilhoso	1
<i>Maurice Roberts</i>	
Controvérsia	6
<i>J. Gresham Machen</i>	
Os Meios da Graça	7
<i>Earl Blackburn</i>	
O Poder de Deus	15
<i>Robert Cobb</i>	
Minha Passagem pelo Movimento... ..	19
<i>Phil A. Newton</i>	
A Necessidade da Graça	31
<i>Charles Haddon Spurgeon</i>	
Opinião do Leitor	32

O Grande Deus Maravilhoso

Maurice Roberts

O fato de os homens imaginarem que já explicaram tudo a respeito de Deus é uma evidência segura de que não O compreendem. Na realidade, é correto e adequado ter e amar nossas “confissões de fé” e “catecismos”. Tanto é bom quanto útil tentar explicar e definir a doutrina concernente a Deus, para nosso próprio benefício e o de outros. Mas o cristão sábio recorda que nenhuma fórmula ou definição a respeito dEle pode, de maneira abrangente, afirmar tudo que devemos saber sobre Deus. As confissões de fé e os catecismos são bons em suas definições concernentes a Ele; no entanto, não têm o objetivo de serem exaustivos, pois são incapazes de compreender o Infinito. Se pudéssemos criar expressões linguísticas para definir de maneira abrangente o Ser divino, precisaríamos ser infinitos assim como Ele.

Pensar sobre Deus é a ocupação mais admirável para qualquer criatura. Sem dúvida, os exploradores que pioneiramente investigam uma terra desabitada sentem medo e admiração por causa de seu privilégio. Os cientistas que pesquisam em seus microscópios

e descobrem organismos ainda desconhecidos ou os astrônomos que contemplam uma extensa galáxia sentem-se extasiados diante daquilo que é raro ou desconhecido para os homens. Mas, o que são os continentes perdidos, ou as estrelas, ou os microorganismos comparados ao bendito Deus vivo?

A mente é o instrumento pelo qual os homens “olham” para Deus; é um precioso “telescópio” através do qual cada pessoa foi capacitada pelo Criador a sondar todas as coisas criadas e “olhar” para Ele. Nutrir pensamentos corretos sobre o Ser divino é a síntese de todas as bênçãos. Quer chamemos isto de teologia, meditação, devoção ou piedade, a prática de fixar nossos pensamentos em Deus, até que nossos corações estejam “profundamente aquecidos”, é a melhor das bênçãos que podemos desfrutar deste lado da eternidade.

A mente assemelha-se a um aparelho de televisão pelo qual o homem pode criar imagens que ninguém pode ver, exceto ele mesmo e Deus. Os pensamentos surgem em nossas mentes aos milhares, a cada hora de nossa existência. Uma pessoa pode treinar seus

pensamentos, escolher alguns e rejeitar outros. Entretanto, um pensamento é comum a todos os homens — a compreensão de que Deus existe. Aquele que afirma: “Não há Deus”, dá motivo para ser chamado de “insensato” (Sl 14.1), visto que está dizendo uma mentira e sabe que sua afirmação não é verdadeira.

Nutrir pensamentos corretos sobre o Ser divino é a síntese de todas as bênçãos.

Nenhum homem realmente crê que Deus não existe. A sua mente o informa a respeito da existência dEle. Talvez seu coração esteja endurecido, sua cultura seja primitiva e não possua conhecimento algum da Bíblia; todavia, sua inteligência, uma dádiva divina, lhe declara que vive na presença de um grande Ser invisível. A infelicidade do homem ímpio está no fato de que ele não pode fugir de Deus. E o indizível consolo do crente está na impossibilidade dele ser removido da presença de Deus.

Visto que todos os homens intuitivamente sabem que Deus existe, é apenas motivado por um ato de perversa força de vontade que o ímpio decide rejeitar Deus mesmo por um momento. Essa atitude é chamada de deter “a verdade pela injustiça” (Rm 1.18). O instinto do pecador informa-o

sobre a existência de Deus e o fato de que Ele vê todas as coisas. No entanto, o pecador não gosta de saber que Deus existe e não deseja que Ele o esteja vendo. Portanto, o pecador tem de inventar meios pelos quais expulsa Deus de seus pensamentos. O mundo é um autêntico celeiro de mentiras inventadas pelos homens, durante sucessivas gerações, com o propósito de rejeitar Deus em suas mentes. Isso tem sido feito através da música, do álcool, diversões e milhares de outras coisas. A perversidade do pecado pode ser vista em inúmeros modos, nos quais o pecador utiliza a criação de Deus para excluí-Lo de seus pensamentos.

O fato de que todos os pecadores sabem instintivamente que Deus existe explica porque o mundo está da maneira como o vemos agora. Admitida a verdade bíblica de que o pecador deseja ocultar-se e fugir de Deus, temos de esperar que este mundo seja um labirinto de túneis escuros para os homens escaparem dEle, o grande “Inimigo”, conforme os pecadores erroneamente O consideram.

O indizível consolo do crente está na impossibilidade dele ser removido da presença de Deus.

O longo e árduo trabalho do pecador consiste em cavar até às

profundezas de algum lugar, para ficar distante do Criador que ele não ama e não deseja ter em sua vida. Sua própria mente lhe diz que não pode fazer isso. Mas ele continua tentando escapar, apesar da inutilidade de sua atitude. A vida de um pecador é basicamente algo irracional. Não é melhor do que a de um rato na enfadonha tarefa de girar constantemente um moinho. O rato talvez corra com rapidez e a roda do moinho gire velozmente, mas ele está sempre no mesmo lugar.

A única maneira de fugirmos da ira de Deus é correr para nos refugiarmos em sua misericórdia.

O homem não pode escapar de Deus, assim como é incapaz de fugir de sua própria sombra. Esquivar-se da presença de Deus é impossível. Toda a vida do pecador caracteriza-se por uma mentira atrás da outra.

A única maneira de fugirmos da ira de Deus é correr para nos refugiarmos em sua misericórdia. A solução racional, bem como espiritual, para o problema do pecador se encontra em buscar a Deus, a fim de encontrar nEle amizade e amor. Isto, por meio da indizível graça de Deus, é o que todo crente aprendeu em sua conversão. Uma grande parte da paz que desfrutamos, a partir do

momento que nos convertemos a Deus, está no fato de que agora não precisamos mais percorrer os labirintos do pecado para tentarmos evitar a presença de Deus. Converter-se a Deus é a única solução para cada um dos problemas do pecador. Outros problemas permanecem, mas são menos importantes e de pouca duração.

Causa-nos grande tristeza o fato de que os crentes não utilizam suas mentes a fim de pensar mais na bendita pessoa de Deus. Se o fizessem, descobririam ser esta uma experiência estimulante e enriquecedora. Renovariam suas mentes, obteriam refrigério para suas almas e enobreceriam suas vidas. Se meditássemos em Deus por meia hora, cada dia, seríamos homens melhores. Deus é o supremo e o primordial objeto de nossos pensamentos; pensar corretamente a respeito dEle significa ser transformado na própria imagem de Cristo, se O temos como nosso Salvador.

Cada ponderação sobre Deus finaliza em mistério e produz admiração em nossas mentes. Instintivamente, ficamos maravilhados em pensar que Deus não tem origem, não foi criado, não depende de nada, porém é eterno e auto-suficiente. Admiramo-nos ao pensar que Ele está ao redor de todos nós, mas, apesar disso, não podemos vê-Lo; e que está infinitamente acima de nós, todavia, infinitamente presente entre nós. É admirável pensar que todas as criaturas são obras de suas mãos e que todos os seres vivos existem e

se movem nEle (At 17.28). É emocionante pensar que todos os acontecimentos realizam-se por causa do secreto conselho e vontade de Deus; que toda a história do mundo com certeza chegará ao ponto exato que Deus ordenou desde a eternidade; e que todos os poderes malignos, por meio de sua rebeldia extrema, apenas cumprem o papel para o qual foram designados. Em resumo, causa-nos êxtase a compreensão de que temos um Deus que “dele, e por meio dele, e para ele são todas as cousas”; e a Ele pertence “a glória eternamente” (Rm 11.36).

Alguma pessoa já ouviu o ensinamento sobre a Trindade santa e não ficou admirada? Podemos entender que Deus é “um só”. Mas este Deus único também é “três”. Nossos pobres raciocínios não compreendem totalmente que estamos na presença de um Ser que pertence a outra ordem de coisas amplamente superior. Pela fé, recebemos a admirável revelação de um Deus que é três pessoas, mas apenas um em essência. Cremos e adoramos. Entretanto, ficamos extasiados ante a magnitude desse mistério. Nossa reação é, juntamente com os anjos e os patriarcas da antiguidade, nos prostrarmos e cobrirmos o rosto.

Quão profundos são os caminhos e pensamentos de Deus! Nossa familiaridade com os fatos da Bíblia não deve obscurecer nosso senso de admiração. O fato é que somos espectadores neste grande universo. Contemplamos a grandeza e percebemos algo da sabedoria de Deus em todas as coisas.

Todavia, não somos capazes de saber por que Deus tem agido à sua maneira em todas as coisas; ou melhor, apenas sabemos que tudo é bom e, por fim, glorificará a Deus. As demais coisas entendemos com dificuldade: por que uma criação realizada em seis dias? Por que Deus escolheu os judeus? Por que a demora para que Cristo volte? Por que a demora até que os judeus sejam novamente incluídos na igreja? Por que o pecado parece estar prevalecendo tanto e Satanás exercer tamanho poder? Em todas essas indagações, podemos apenas dizer: “Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Mt 11.26).

Pensar corretamente a respeito de Deus significa ser transformado na própria imagem de Cristo, se O temos como nosso Salvador.

As Sagradas Escrituras afirmam com certeza: “A glória de Deus é encobrir as cousas” (Pv 25.2). Poderá algum homem sobreviver, se olhar apenas para as futuras dificuldades de sua vida? Não somos capazes nem precisamos sofrer nossas misérias até que elas venham sobre nós. Deus nos conduz como pessoas cujos olhos podem enxergar apenas o que está à sua frente, para que não nos desencorajemos diante de coisas que, com antecedência, pudés-

semos ver. Somente Cristo, dentre todos os homens, experimentou e soube a plena extensão dos sofrimentos que estavam por vir. Ele contemplava, sem dúvida, desde a sua infância, e recebia um ensaio do Getsêmani e do Calvário sempre que lia o Antigo Testamento. Entretanto, Ele, sendo o Deus-Homem, podia suportá-lo. Nós não somos capazes!

Quão sábio e verdadeiro é o nosso Deus! Mas, quem crê nEle? As Escrituras, nós afirmamos, são a revelação dEle. Quem as leva a sério? Os judeus, que as liam com tanta assiduidade, entenderam que sua nação rejeitaria seu próprio Messias? Judas Iscariotes viu a si mesmo naquelas partes das Escrituras que, com antecedência, falavam sobre seu crime (Sl 41.9; 55.12-14; 109.5-6; Zc 11.13), as quais lemos, e mesmo cantamos, inúmeras vezes? Os discípulos de Cristo acreditavam na cruz ou na ressurreição antes que estas acontecessem? As igrejas apóstatas contemporâneas vêem a si mesmas como aquelas que, de acordo com os escritos apostólicos, um dia se afastarão da verdade? Os papas têm encontrado a si mesmos nas Escrituras? Os homens estão cegos para a luz da Palavra de Deus, porque estão convictos de entenderem o que Deus significa, enquanto, na verdade, não compreendem nada a respeito dEle.

Começamos a entender Deus apenas quando prostramos nossas mentes orgulhosas ante a majestade de sua Palavra e suplicamos por sua graça e luz. A correta atitude

mental é tratarmos Deus e tudo que Lhe pertence com o amor, a reverência e o temor apropriados. A sabedoria deste mundo é loucura diante dEle; começamos a ser sábios apenas quando pensamos nEle como o “único Deus sábio”. Não precisamos ser espertos para ser sábios, e sim possuir um coração humilde e um espírito contrito.

Deus reserva suas melhores bênçãos para aqueles que verdadeiramente O amam. Para estes Ele concede não somente bênçãos, mas também a Si mesmo. Ele deu descanso a todos os seus eleitos, e estes têm experimentado um perfeito gozo em Cristo. Deus ainda possui muitas maravilhas e grandes obras para realizar neste mundo. Algumas delas não veremos enquanto estivermos vivos. Mas já contemplamos pela fé as coisas que acontecerão, quando Ele virar a última página da história: o fim de todo o mal para o povo de Deus e o início do seu regozijo eterno.

Nosso dever no presente torna-se bastante claro. Precisamos viver e trabalhar pela fé. O Grande Deus Maravilhoso pretende fazer tudo que a Bíblia afirma que Ele fará. Nossa parte é muito simples. Temos de procurar amá-Lo com todo o nosso coração e nos regozijarmos em toda a sua grande bondade.

Que admirável encontro será aquele em que Deus e seu povo finalmente estarão face a face, e Ele os recompensará de acordo com as riquezas de sua graça e glória!

Controvérsia

Resultado de Defendermos a Verdade

J. Gresham Machen

Os homens afirmam que, em lugar de entrarmos em controvérsia na igreja, devemos orar a Deus suplicando um avivamento. Em vez de criar polêmicas, precisamos evangelizar. Bem, que tipo de avivamento você acha que teremos? Como podemos qualificar o evangelismo que se mostra indiferente a respeito do tipo de evangelho que está sendo pregado? Com certeza, isso não corresponde ao avivamento no sentido neotestamentário e ao evangelho que Paulo desejava proclamar, quando afirmou: “Ai de mim se não pregar o evangelho”. Não, meus amigos, não pode haver verdadeiro evangelismo, quando tornamos a nossa causa comum à dos inimigos da cruz de Cristo. Almas dificilmente serão salvas, se os evangelistas não disserem, juntamente com Paulo: “Ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema” (Gl 1.8). Todo verdadeiro avivamento nasce da controvérsia e conduz a mais controvérsia ainda. Isso tem sido verdadeiro desde que o Senhor Jesus declarou que não viera trazer paz sobre a terra e sim espada. Sabe o que acontecerá quando Deus enviar uma nova reforma à igreja? Não podemos dizer quando esse dia abençoado virá. Mas, quando esse dia abençoado chegar, creio que podemos mostrar pelo menos um resultado que ele trará. Naquele dia, não ouviremos coisa alguma acerca dos males da controvérsia na igreja. Isto desaparecerá como que através de um poderoso dilúvio. O homem que “arde” com a mensagem jamais fala de maneira deprimente e fraca; ele proclama a verdade com alegria e sem temor, na presença de todas as falsidades que se levantam contra o evangelho de Cristo.

Os Meios da Graça

A Maneira de Crescer na Vida Cristã

Earl Blackburn

A vida cristã é uma experiência maravilhosa. Começa através de uma obra sobrenatural realizada pela imerecida graça de Deus no coração e na vida de uma pessoa. O Espírito de Deus aplica a obra de Cristo, na cruz, aos muitos que estão espiritualmente mortos. Ele os regenera, levando-os a arrependem-se do pecado e a exercitarem a fé no Senhor Jesus Cristo. Isto se chama salvação, que é uma obra gloriosa da graça e do Espírito de Deus.

A vida cristã começa pela graça, pela atividade do soberano Espírito de Deus, e deve ser continuada da mesma maneira.

Com freqüência, os novos convertidos indagam o que acontece após nascerem de novo e iniciarem a vida cristã. Uma vez que Deus os salvou, Ele os deixa prosseguir motivados em seus próprios recursos e nas obras de sua própria carne, para chegarem à presença dEle, no céu? O apóstolo Paulo responde: “Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?” (Gl 3.3).

A vida cristã começa pela graça, pela atividade do soberano Espírito de Deus, e deve ser continuada da mesma maneira. Isto não significa que não existe qualquer atividade da parte do crente. Pelo contrário, a Palavra de Deus afirma que os salvos foram “criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10); e: “Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.12-13 — nota: estes versículos, que têm sido grosseiramente mal utilizados pelas seitas, não ensinam a salvação pelas obras; antes, são dos muitos versículos que demonstram a completa gratuidade da salvação). Além disso, os crentes são instruídos

a crescerem “na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo” (2 Pe 3.18).

O que o gracioso e amável Deus do céu concedeu aos crentes para ajudá-los a desenvolverem sua salvação, fazerem as boas obras que Ele determinou e crescerem na graça? Deus ofereceu-lhes coisas específicas a fim de obterem esses resultados desejados; ofereceu-lhes o que os teólogos chamam de “meios da graça”. A seguir, consideraremos esses meios da graça e de crescimento.

Quando você utiliza os meios da graça, percebe os resultados em sua própria vida: crescimento espiritual, maturidade, alegria, santidade e semelhança a Cristo. Se estas qualidades estiverem sendo praticadas em sua vida, haverá crescente comunhão com Deus — o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Você será fortalecido e encorajado a andar com Cristo. Receberá a força e o poder espiritual necessários para vencer a tentação, o pecado e Satanás. Obterá ajuda indescritível em cada aspecto da vida cristã.

O que significa a expressão “meios da graça”?

O *Dicionário Aurélio* define a palavra “meio” como “recurso empregado para alcançar um objetivo”. Por conseguinte, os meios da graça são os instrumentos pelos quais Deus transmite bênçãos ao seu povo. O *Catecismo de Westminster* define a expressão “meios da graça” como “os recursos visíveis e comuns pelos quais Cristo transmite à sua igreja os benefícios de sua mediação [ou seja, de sua morte]”.

Ilustrando isso, pense em uma mangueira de jardim. A mangueira não é especial em si mesma, porém é o canal pelo qual flui a água que produz vida e refresca. O mesmo acontece com os meios da graça. Em si mesmos, eles nada possuem de especial, mas são os instrumentos ou os canais pelos quais fluem as bênçãos divinas que outorgam vida e refrigeram a alma. Através dos meios da graça, Deus concede força, paz, conforto, instrução, disciplina, orientação, alegria e muitas outras coisas necessárias à vida cristã.

**Os “meios da graça” são “os recursos visíveis e comuns pelos quais Cristo transmite à sua igreja os benefícios de sua mediação”,
ou seja, de sua morte.**

Ainda que a expressão “meios da graça” não se encontre na Bíblia, é uma designação adequada para aquilo que está ali ensinado. Há dois tipos de meios da graça: os particulares e os públicos. O restante

desse artigo abordará os diferentes aspectos de cada um desses tipos.

Quais os meios particulares da graça?

1. O primeiro destes é a leitura da Palavra de Deus.

Deus nos deu um livro através do qual Ele fala conosco. Ele não mais se comunica com os homens utilizando sua voz audível, como o fazia no passado. Agora Deus fala através de seu Filho (Hb 1.1-4), que nos transmite sua palavra por meio das Sagradas Escrituras, a Bíblia. Nas páginas das Escrituras, Ele manifesta sua voz, capaz de despertar os mortos, outorgando-lhes vida.

A Bíblia foi escrita por homens santos, enquanto Deus os inspirava e guiava, por intermédio do Espírito Santo. É o perfeito tesouro de instruções e conhecimento celestiais. Deus é o autor da Bíblia, a salvação é o seu objetivo, e a verdade sem qualquer erro é o seu conteúdo. Ela nos ensina, principalmente, o que precisamos crer a respeito de Deus e quais os deveres que Ele exige de nós. A Bíblia revela os princípios pelos quais Ele nos julgará e demonstra o supremo padrão pelo qual devem ser averiguados todos os comportamentos, credos e opiniões dos homens. Por isso, J. C. Ryle escreveu:

Separe uma parte de cada dia para ler e meditar alguma porção da Palavra de Deus. O pão de ontem não alimentará o trabalhador de hoje; tampouco o pão de hoje nutrirá o trabalhador de amanhã. Recolha seu maná a cada manhã. Escolha a ocasião e a hora adequados. Não cochile ou se apresse enquanto lê. Dê à sua Bíblia o melhor e não o pior de seu tempo. Leia toda a Bíblia, fazendo-o de maneira sistemática. Receio que existem várias partes da Palavra de Deus que alguns crentes nunca lêem. Dessa atitude resulta a falta de amplos e bem equilibrados pontos de vista a respeito da verdade, uma falta tão comum em nossos dias. Creio que um bom plano é ler o Antigo e o Novo Testamento ao mesmo tempo, do começo até ao fim; e, depois, fazê-lo novamente. Leia a Bíblia com um espírito de obediência e auto-aplicação. Assente-se para estudá-la com a determinação de que você viverá pelas suas regras, confiará em suas afirmativas e se comportará de acordo com seus mandamentos. A Bíblia mais lida é aquela mais praticada.

Ela é o instrumento pelo qual Deus fala ao seu povo. Enquanto lêem a Bíblia, Deus abençoa e fortalece os crentes com tudo que necessitam para seu viver diário.

2. *O segundo meio particular da graça é a oração.*

O que significa oração? É um dos meios pelos quais o crente cultiva um vivificante relacionamento com o Deus vivo. A oração é indispensável na devoção pessoal. Envolve conversar e ter comunhão com Deus. Nesta comunhão, apresentamos a Deus nossos desejos íntimos. A oração assemelha-se a conversar com Deus “face a face”. O Antigo Testamento apresenta numerosos exemplos: Gênesis 18.23, ss.; Êxodo 5.22, 6.1, 10, 12, 28-30; Deuteronômio 3.23-26; Salmo 27.8. O Novo Testamento apresenta um sumário da oração em Atos 13.1-2.

Pedir a Deus as boas coisas que Ele tem prometido aos seus filhos é uma parte vital da oração (Mt. 7.7, 11; Lc 11.5-13; Cl 1.9-12; Tg 1.5-6). De acordo com Filipenses 4.6-7, a oração é uma chave para que o crente experimente a paz de Deus. Ela é também um meio que facilita a nossa rendição à vontade de Deus (ver o exemplo do Senhor Jesus em Mateus 26.39, 42, 44).

A oração é um dos meios pelos quais o crente cultiva um vivificante relacionamento com o Deus vivo.

Existem várias partes na oração. Ela pode incluir um ou mais destes aspectos: adoração e louvor, ação de graças, confissão de pecados, súplica, intercessão e entrega de nós mesmos a Deus.

De acordo com Efésios 6.18 e Judas 20, a oração deve ser feita no Espírito. O Espírito Santo é Aquele que ajuda o crente a orar. Ele testifica ao espírito do crente que ele é filho de Deus, levando-o a clamar: “Aba, Pai” (Rm 8.15; Gl 4.6). O Espírito Santo impulsiona o crente a orar, trazendo à sua mente as palavras e promessas de Jesus. Ele também inflama nossos corações em benefício dos outros (Rm 10.1; cf. 9.1-2). Portanto, quando você não sentir desejo de orar, peça ao Espírito Santo que o ajude a envolver-se na oração.

Cristo ofereceu ao seu povo um modelo para ajudá-los na oração. Em geral, tem sido chamada de “Oração do Pai Nosso” e se encontra em Mateus 6.9-13 e Lucas 11.1-4. Este modelo de oração não foi dado com o propósito de ser repetido, como um ritual, quer em particular, quer em público. Recitar esta oração não remove nossa obrigação de orar. Cristo a ensinou para que os crentes saibam como orar adequadamente. Há seis petições nesta oração: as três primeiras estão relacionadas às prioridades de Deus, as três últimas vinculam-se às nossas necessidades. Nesta oração-modelo, o Senhor Jesus nos ensina que, antes de suplicar por nossas necessidades, temos de orar pelas prioridades divinas.

3. *O terceiro meio particular da graça é a meditação.*

Após o crente ter vindo à presença de Deus, através da leitura da Bíblia e pela oração, ele se alimenta do que já recebeu por meio da meditação. Thomas Watson, um dos Puritanos, disse: “A meditação é semelhante ao regar uma planta, faz aparecer os frutos da graça”.

A meditação é para nossa alma o que a digestão é para o corpo. C. H. Spurgeon apresentou uma excelente instrução, ao declarar: “Nossos corpos não sustentam-se apenas por ingerir o alimento através da boca; mas o processo de digestão resulta em músculos, nervos, tendões e ossos. Por meio da digestão, o alimento exterior é assimilado pela vida interior. O mesmo acontece às nossas almas: elas são nutridas não apenas por aquilo que ouvem aqui e acolá. Ler, ouvir, observar e aprender tudo exige uma digestão interior; e a digestão interior da verdade ocorre através de meditarmos nela”.

“A meditação é semelhante ao regar uma planta, faz aparecer os frutos da graça”.

A atitude do salmista Davi foi: “Meditarei nos teus preceitos e às tuas veredas terei respeito. Terei prazer nos teus decretos; não me esquecerei da tua palavra” (Sl 119.15-16). Setecentos anos antes de Cristo nascer, Davi já sabia o valor da meditação.

Quais são os meios públicos da graça?

1. Reunir-se para adoração é o primeiro destes meios.

Deus jamais tencionou que o verdadeiro crente vivesse sozinho. Após a ascensão de Cristo, os apóstolos saíram por todo o mundo implantando igrejas e estabelecendo presbíteros em cada uma delas (At 14.23). Eles fizeram isto, para que os crentes novos fossem fortalecidos, encorajados, guiados, instruídos e, acima de tudo, adorassem a Deus juntos. Deus, e não os homens, ordenou que por intermédio da reunião coletiva, para adoração, o crente recebesse bênção e ajuda divina para os dias futuros. Reunido, o povo de Deus receberia não somente a bênção dEle, mas também se fortaleceria mutuamente. Os cristãos receberam a ordem de não abandonarem o reunirem-se para adoração pública (Hb 10.25).

Historicamente, as igrejas cristãs sempre adoraram no domingo. Foi no primeiro dia da semana, o domingo, que o Senhor Jesus ressuscitou dos mortos e assegurou a ruína do domínio de Satanás. Cinquenta dias após a ressurreição de Cristo, no Pentecostes, novamente no primeiro

dia da semana, o Espírito Santo veio sobre os crentes para enchê-los de poder. Desde então, os cristãos se reúnem aos domingos, o primeiro, o melhor e mais admirável dia da semana, para adorar o primeiro, o melhor e mais admirável dos seres, o SENHOR Deus dos Exércitos e seu Filho, Jesus Cristo (At 20.7; 1 Co 16.2).

Os elementos da adoração pública são: leitura pública das Escrituras, acompanhada de pregação e ensino; cantar salmos, hinos e cânticos espirituais; ofertas e orações. Na leitura e exposição das Escrituras, Deus fala conosco; nos cânticos, ofertas e orações, nós falamos com Ele. Ainda que esses dois elementos da adoração são importantes, o mais relevante deles é a pregação da Palavra. Nossos pais entenderam isto, quando escreveram:

O Espírito torna a leitura (em especial, a pregação da Palavra) o meio eficaz de convencer e converter os pecadores, edificando-os em santidade e conforto.

(Breve Catecismo de Westminster, pergunta 89)

2. O segundo meio público da graça são as ordenanças do evangelho.

Uma ordenança é um costume e prática iniciada pelo Senhor Jesus Cristo, enquanto Ele esteve na terra. Nas verdadeiras igrejas do Senhor Jesus, há apenas duas ordenanças: o batismo e a ceia do Senhor.

O batismo é a primeira ordenança instituída pelo Senhor Jesus Cristo, enquanto esteve entre os homens. Ele ordenou que o batismo fosse realizado por seus apóstolos e igrejas até ao fim do mundo (cf. Mt 28.18-20). Uma pessoa que declara ser crente e negligencia o batismo, a primeira ordenança de Cristo, não tem o direito de chamar-se de cristão. O batismo deve ser realizado por completa imersão na água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O batismo sempre foi aplicado àqueles que se arrependeram e creram e para aqueles que foram convertidos e salvos.

O batismo é reservado somente para os crentes. Não é para pequenas crianças descrentes. Não existe uma única instância de batismo infantil no Novo Testamento. O batismo sempre foi aplicado àqueles que se arrependeram e creram e para aqueles que foram convertidos e salvos (veja Atos 2.41; 18.8). Esta ordenança foi designada a ser um testemunho para o mundo, a fim de demonstrar que somos seguidores de Cristo e fortalecer nossa decisão de segui-Lo.

A ceia do Senhor é a segunda ordenança instituída pelo Senhor Jesus, enquanto esteve na terra. É o meio divinamente designado para fortalecer a fé exercida pelos crentes. A ceia do Senhor não é um sacrifício oferecido a Deus, e sim apenas uma comemoração daquela oferta que Cristo fez de si mesmo, uma vez por todas, na cruz, em pagamento dos nossos pecados. Sempre que participamos da ceia do Senhor, nós o fazemos em memória dEle (1 Co 11.24-26).

Os elementos da ceia do Senhor, pão e vinho, são apenas símbolos. Cada elemento representa um diferente aspecto do sacrifício de Cristo. O pão simboliza o corpo traspassado e morto do Salvador, por causa de nossos pecados. O vinho representa o sangue de Cristo que foi derramado a fim de purificar nossos pecados. Não existe nada mágico no pão e no vinho. Eles não se alteram, tornando-se literalmente o corpo e o sangue de Jesus; permanecem aquilo que eles mesmos são.

Um cuidadoso estudo das Escrituras demonstra as exigências para se participar da ceia do Senhor. A pessoa *tem de ser* verdadeiramente convertida a Cristo, batizada, alguém que está procurando andar de maneira agradável a Deus e membro de uma das igrejas de Cristo. Devemos lembrar que esta ordenança não foi dada a indivíduos, e sim a igrejas locais e seus membros.

3. Comunhão com irmãos e irmãs em Cristo é o terceiro meio público da graça.

O povo de Deus procede de todos os tipos de pessoas. Todavia, existe algo que os une: em Cristo, eles são um! Cristo os amou com amor eterno e os atraiu com bondade. Todos os obstáculos foram removidos ante à eleição, à redenção e ao salvífico amor de Cristo (ver Ef 2.14-16).

Comunhão significa “compartilhar juntos” ou “vida compartilhada”, especialmente quando esta se relaciona aos outros crentes. Quando Cristo nos salvou, Ele não tencionava que vivêssemos isolados. Ele nos destinou para sermos parte de uma de suas igrejas e desfrutarmos comunhão com outros crentes (cf. At 2.41-42). Uma das mais profundas verdades que compreendemos após a conversão é o vínculo que temos com os verdadeiros crentes.

Comunhão não significa reunir-se com outros crentes para falar sobre esportes, diversões, clima, economia ou política, embora não exista qualquer prejuízo em fazermos isso. Pelo contrário, comunhão é compartilhar, de coração, uns com os outros, as coisas do Senhor Jesus e de sua Palavra. A singularidade da comunhão cristã se encontra em sermos capazes de conversar e compartilhar, juntos, as alegrias, a felicidade, as vitórias, os problemas, as tentações, as tristezas e as bênçãos de nosso andar com Deus. Provérbios 27.17 afirma: “Como o ferro com o ferro se afia, assim, o homem, ao seu amigo”. Desfrutar comunhão

com irmãos e irmãs em Cristo, em uma igreja local, é semelhante ao “ferro” afiando o “ferro”; é o meio da graça que nos mantém espiritualmente saudáveis e vigorosos.

4. O quarto meio público da graça é a oração coletiva (At 2.42).

As igrejas primitivas não somente permaneciam na doutrina dos apóstolos, na ceia do Senhor e na comunhão, também perseveravam na oração juntos. As reuniões da igreja, a fim de orar, era um dos meios de levar as cargas uns dos outros e cumprir a lei de Cristo (Gl 6.2). No livro de Atos, há diversos exemplos dos irmãos orando juntos, na igreja primitiva. No dia de Pentecostes, o que os crentes estavam fazendo? Orando (At 1.12-14; cf. 2.1). Através da oração coletiva, a igreja contemplou o Senhor Deus libertando-a das mãos de seus inimigos (4.23-33). Pedro foi liberto da prisão porque os crentes estavam juntos em oração a favor dele (12.5). A história das igrejas do Novo Testamento ilustra a bênção e a necessidade de orarmos juntos.

Tudo o que é verdadeiro a respeito da oração particular também é verdadeiro sobre a oração pública, exceto que esta se realiza coletivamente. Se Deus está com seu povo e individualmente os abençoa com sua presença, quanto mais isto acontece ao se reunir a igreja para oração coletiva. Se Ele ouve e responde as orações de um crente, quanto mais ouvirá e atenderá as orações de muitos? Um Puritano, David Clarkson, disse: “A presença de Deus, desfrutada em oração particular, assemelha-se apenas a um regato, mas na oração coletiva torna-se como um rio que alegra a cidade de Deus”.

Um Pai amoroso, sábio e gracioso, que habita nos céus, outorgou aos seus filhos estes meios para o bem deles (cf. Dt 10.13). Ele não os deu a fim de colocar seus filhos em escravidão a regras estabelecidas pelo homem, mas para abençoar, fortalecer e encorajá-los. Os meios particulares da graça nos foram concedidos para sustentar-nos em nossa vida cristã diária, em um mundo de atividades cotidianas. Os meios públicos da graça são para nosso benefício, na igreja local pertencente ao Senhor Jesus Cristo. Praticá-los agora resultará em crescimento e frutificação de nossa vida cristã. Utilizar estes meios designados por Deus redundará em glória para Ele, expansão de seu reino e nos proporcionará retidão, paz e alegria.



**Os cristãos devem penetrar no mundo,
sem se tornar parte dele.**

John Blanchard

O Poder de Deus

Robert Cobb

“Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus.”

(Mateus 22.29)

A mente do homem natural não conhece o poder de Deus, pois “a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus” (1 Co 15.50). “Os que estão na carne não podem agradar a Deus” (Rm 8.8) e, nesse estado, jamais O encontrarão. Jesus falou a Nicodemos que ele precisava nascer de novo, antes de entrar no reino de Deus. Grande parte da pregação contemporânea procede de mentes voltadas para a carne. Os homens apresentam suas interpretações daquilo que eles pensam ser o “Santo dos Santos”, quando nem mesmo ainda entram lá (Hb 10.19). Deus é espírito e seus adoradores têm de adorá-Lo “em espírito e em verdade” (Jo 4.24).

Que Tipo de Poder?

Em que tipo de poder estamos interessados? O que nos causaria mais impressão: um milagre ou palavras que fortalecem nossa fé? Estamos mais inclinados a vir à

igreja, quando sabemos que um milagre será realizado ali ou quando o evangelho será pregado? Deus determinou que o homem seja salvo “pela loucura da pregação” (1 Co 1.21). Não pretendemos depreciar os milagres, mas o contemplá-los não fortalece a minha fé em uma realidade invisível. Todavia, as palavras podem fazer isso, em particular as palavras das Escrituras! As próprias palavras que o Espírito Santo ensina são capazes de nutrir nossa fé. Quando a palavra de Deus é mesclada com a fé, os homens recebem poder para vencer as decepções deste mundo. Na verdade, os homens precisam chegar ao ponto de receber o amor à verdade, para que sejam salvos.

Existem aqueles que estão mais interessados em manifestações físicas. Insisto que tais pessoas pensem no fato de que a antiga aliança era uma aliança relacionada ao aspecto físico do homem. Nela, Deus afirmava: “Cumpre estes mandamentos, e Eu salvarei

a ti, tua casa, tua fazenda, tua família, teu gado. Tudo que você precisa fazer é guardar esses poucos mandamentos”. O único problema era que o homem não podia obedecê-los. Os mandamentos foram escritos para percebermos o quanto, por natureza, temos caído. Conforme está escrito: “Sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo mundo seja culpável perante Deus” (Rm 3.19).

Deus é santo, assim também o são os seus mandamentos. Em todo o tempo, Ele sabia que somos incapazes de guardá-los. Contudo, nós não imaginávamos que não poderíamos cumpri-los. Por isso, Deus outorgou aos homens uma oportunidade para estabelecerem sua própria justiça, ao guardarem a lei (Rm 10.3). Se fôssemos capazes de guardar os dez mandamentos, viveríamos (cf. Lv 18.5). Mas “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Se encararmos a lei, face a face, veremos nossa grande necessidade do Salvador! Esta foi a razão porque Deus nos entregou a lei. No próprio ato de dar a lei, Ele estava “em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Co 5.19).

A Natureza Deste Poder

Agora, na época da nova aliança, o poder de Deus se mostra operante em libertar do pecado o homem. O poder de Deus abre o entendimento do homem, para que este receba o evangelho. Ora, como

eles ouvirão se ninguém lhes pregar o evangelho? E como alguém lhes falará de Cristo, se Deus não o enviar a pregar? Por isso, as Escrituras afirmam: “Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!” (Is 52.7).

Vivemos em uma época de impiedades! Estamos em um tempo quando a igreja, em sua maioria, segue outros deuses e prega outro evangelho, que realmente não corresponde às boas-novas das Escrituras. Os líderes de muitas “denominações cristãs” estão mais interessados em estabelecer grandes igrejas, ao invés de se preocuparem em fortalecer a fé exercida pelos crentes. Afirmando isto a respeito deles, mas não se limita à igreja cristã organizada. Existem, literalmente, milhares de pessoas que declaram crer em Jesus, como Filho de Deus, e, apesar disso, não vêem qualquer necessidade de separarem-se deste mundo vil e pecaminoso. Elas mantêm para com o mundo o mesmo relacionamento que tinham antes de se converterem. Assistem os mesmos filmes repletos de pecado, vão aos mesmos lugares impróprios e ouvem as mesmas músicas carnavais. Se não lhe tivessem dito que eles “se converteram”, você jamais o saberia. Isto, amado, não deve ser assim! Cristo morreu e ressuscitou a fim de que tenhamos poder para abandonar o mundo e nos separarmos dele. Deus está se pre-

parando para destruir este mundo através do fogo, e nós, que sabemos deste fato, estamos no processo de separarmo-nos do mundo. Isto não significa que já atingimos a perfeita santidade em nossos corpos pecaminosos, mas que nossas afeições mudaram em direção a Deus. Não queremos mais fazer as coisas que antes nos separavam de Deus. Todo o nosso coração foi transformado.

O Poder do Evangelho

A mensagem do evangelho é boas-novas para todos os que crêem nele. Conta-nos que Deus nos amou de tal maneira que enviou seu próprio Filho para morrer em nosso lugar. Isto é o que significa verdadeiro amor! O mundo fala muito sobre o amor, mas não conhece o seu verdadeiro significado, porque este é um fato que não pode ser compreendido pelos que estão na carne. Deus preparou o caminho por meio do qual poderia remover os nossos pecados, visto que sabia não sermos capazes de fazê-lo por nós mesmos. Ele nos deu a lei a fim de convencer-nos desse fato. E, em Cristo, revelou seu propósito de trazer muitos filhos à glória. Quão grande é o nosso Deus! Reconhecendo que esta mensagem é tão especial, por que todos não a anunciam? À princípio, isso parece estranho, mas consideremos por um momento o que está envolvido em crer no evangelho.

O evangelho convida os homens a abandonarem a vida na carne e a viverem no Espírito. Exige

que eles desprezem as concupiscências da carne, dos olhos e a soberba da vida (1 Jo 2.16). Eles precisam considerar a si mesmos mortos para o pecado, a fim de viverem para Deus. Têm de carregar a sua cruz, cada dia, e seguir a Cristo, aonde quer que Ele os conduza. É necessário que recebam o amor à verdade, para que sejam salvos da falsa doutrina, que, como água, parece cobrir toda a terra nestes últimos dias.

O evangelho apresenta mais exigências ao homem do que a lei o fazia; portanto, qual a diferença entre o evangelho e a lei? O evangelho traz ao homem o poder e o entendimento exigidos para vencer as aflições presentes. Deus convida os homens a abandonarem este mundo perverso, a fim de serem salvos da ira vindoura. Podemos ter confiança de que fomos aceitos em Cristo, porque Deus nos mostra o que fazer para obtermos esta confiança. A principal obra é crer naquilo que Deus fala acerca de seu Filho. Todas as outras coisas fluem de nossa fé em Cristo Jesus. Com fé, podemos agradecer a Deus, mas sem esta não existe possibilidade de satisfazê-Lo (cf. Hb 11.6).

Qual deve ser nossa resposta a essas verdades? “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2.38). Este é o selo da nova aliança! Deus prometeu dar-nos seu Espírito! Ele habitará em

nós e terá comunhão conosco. Considerar esta verdade necessariamente não produzirá uma “grande igreja” na terra. Entretanto, quando Deus enviar Jesus de volta à terra, Ele reunirá seu povo redimido, da terra. Eles serão um povo especial, zeloso de boas obras!

Algumas Passagens Bíblicas Relacionadas

Conforme já dissemos, o poder de Deus, no presente, manifesta-se primariamente em trazer os homens à salvação. Pondere os seguintes versículos: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o *poder de Deus* para a salvação

de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego” (Rm 1.16); “Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, *poder de Deus*” (1 Co 1.18); “Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, *poder de Deus* e sabedoria de Deus” (1 Co 1.23-24); “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no *poder de Deus*” (1 Co 2.4-5).



Quando nosso evangelho é pregado completa e poderosamente e o Espírito Santo é enviado dos céus, nossas igrejas não apenas retêm os seus, mas ganham outros convertidos; mas, quando desaparece aquilo que constitui a força da igreja — ou seja, ao ser encoberto o evangelho e menosprezada a vida de oração — tudo se transforma em mera aparência física e ficção. Por isso, nosso coração fica machucado de tristeza.

Charles Haddon Spurgeon

Quem não ora por seu rebanho
não lhe pregará poderosamente.

Richard Baxter

Minha Passagem pelo Movimento de Crescimento de Igrejas

Phil A. Newton

Há pouco tempo, um amigo ouviu este admirável comentário de um membro de uma grande igreja evangélica que está crescendo rapidamente: “Temos um pastor maravilhoso! Ele realmente prega a Palavra; fala contra o pecado, chamando-o pelo seu nome”. Quando meu amigo perguntou sobre o conteúdo doutrinário das mensagens (“O pastor fala sobre doutrinas como regeneração, justificação, redenção, santificação e outras semelhantes?”), a enfática resposta foi: “Não, ele não prega a respeito *desse* tipo de coisas!”

Como podemos harmonizar uma *igreja crescente* com a *falta de ensino doutrinário na pregação*? Se doutrinas não estão sendo ensinadas, qualquer igreja pode considerar que está em harmonia com o padrão do Novo Testamento? Esta era a situação em que eu me encontrava há alguns anos passados.

Retornando à Escola

Em meu terceiro pastorado, senti-me desanimado diante da falta

de crescimento numérico em nossa igreja. Havia participado de conferências e seminários que promoviam *crescimento, crescimento, crescimento* como o objetivo final para os pastores. Ouvi pastores respeitados em nossa denominação e, com frequência, desejava que a minha igreja tivesse o mesmo tipo de crescimento que as igrejas deles haviam experimentado. Por fim, meu desânimo levou-me a agir. Após algumas mudanças radicais na organização de nossa própria igreja, vi o número de membros aumentar. Estava satisfeito e motivado para buscar mais crescimento. Não sou muito a favor de realizar as coisas pela metade; por isso, concluí que a melhor mudança a fazer seria estudar o *crescimento de igreja*, em sua fonte, o Seminário Teológico Fuller, em Pasadena (Califórnia).

O primeiro seminário, de duas semanas, incluso no programa de Bacharel em Ministério, no Fuller, foi ministrado por C. Peter Wagner, o principal porta-voz do Movimento de Crescimento de Igrejas. Este

havia sido missionário na América do Sul e retornou à universidade em que estudara para ensinar juntamente com o falecido Donald McGavran. Enquanto McGavran, que fora missionário na Índia, é bem conhecido como o “pai do Movimento de Crescimento de Igrejas”, Peter Wagner certamente possui o título de ser o melhor proponente desse Movimento. Em preparação para este seminário, li diversas obras escritas por Wagner e por outros autores do Movimento. Achei Wagner um professor interessante que se apresentava bem, alguém capaz de produzir animadas discussões em sala de aula. Munido de transparências e grande quantidade de anotações, Wagner começou a esclarecer aos alunos os princípios básicos do Movimento.

O pragmatismo pode resultar em crescimento numérico, mas não pode regenerar um homem incrédulo.

Percebi que estava aceitando cada palavra falada na aula, embora, às vezes, ficasse apreensivo diante de algumas afirmativas. Wagner jamais recuava quando, na classe, era confrontado por causa de discordâncias, ainda que estas fossem freqüentes. Ele afirmava que as críticas e a correção eram bem-vindas para o Movimento de Crescimento de

Igrejas, pois constituíam a melhor maneira de aprimorá-lo.

Continuei meus estudos, no Fuller, com grande ênfase em crescimento e implantação de igrejas. Mais da metade do tempo de nossa aula dedicava-se a estudar o crescimento de igreja. Wagner ministrava as principais aulas; o outro professor era John Wimber, o fundador das igrejas Vineyard. Este ensinava sobre o controverso assunto de “sinais e maravilhas” e sua relação fundamental no crescimento de igreja. Por ocasião de minha formatura, estava completamente encharcado com a “filosofia do Movimento de Crescimento de Igrejas” e a ampla influência deste sobre o evangelicalismo.

Muito do que aprendera era simplesmente trivial. Detalhes acerca do estacionamento, preparo de equipe adequada, localização, otimização no uso de equipamentos, treinamento de liderança leiga, utilização de dons espirituais e diagnóstico de fraquezas de igrejas constituem assuntos que podem ser facilmente encontrados em livros sobre crescimento de igrejas. Este ensino pode tornar-se útil a qualquer líder de igreja. As igrejas devem ter sabedoria para avaliarem por si mesmas.

O Movimento de Crescimento de Igrejas também fornece uma boa análise sobre a fraqueza das cruzadas evangelísticas e sobre a grande eficácia do evangelismo pessoal. Coloca ênfase sobre alcançar os “campos que estão brancos para a ceifa”, em esforços

para atingir os perdidos e fazer as igrejas crescerem. Uma intensa ênfase sobre “fazer discípulos”, em contraste com o simples “evangelizar”, ajuda a corrigir a atitude de inchar o rol de membros da igreja com pessoas não-convertidas. As estatísticas fornecidas pelos líderes do Movimento podem dar às igrejas uma melhor assimilação da necessidade espiritual dos povos.

Pouco a pouco, comecei a perceber as falhas em meu próprio ministério e em todo o Movimento de Crescimento de Igrejas.

Embora tenha encontrado muitas idéias úteis ao estudar sobre o Movimento de Crescimento de Igrejas, também percebi que estava envolvido em uma “mentalidade” cujo preço comprovou-se elevado. Edificar uma igreja seguindo os “princípios do Movimento de Crescimento de Igrejas” significava anuência ao *pragmatismo*, ao invés de ao cristianismo bíblico. O pragmatismo pode resultar em crescimento numérico, mas não pode regenerar um homem incrédulo. Na qualidade de pragmatista, estava interessado em descobrir métodos e artifícios que *produziriam* crescimento e em utilizá-los plenamente em nossa igreja. Mesmo acreditando na pregação expositiva, diminuí a exposição da Palavra e segui com

intensidade o apelar às *necessidades sentidas* da comunidade. Isto era justificável (ou assim eu pensava), pois estaria construindo uma grande igreja.

Reconsiderando os Princípios do Movimento de Crescimento de Igrejas

Lembro-me de, em certa noite, ter visitado um estudante de teologia que estivera em nosso culto. Ele perguntou qual era a minha teologia. Respondi: “Tenho uma teologia pragmática. Quero uma teologia que *funciona*”. Mais tarde, fiquei bravo quando um amigo contava-me que aquele estudante lhe dissera após minha visita: “Phil não possui uma teologia”. Infelizmente, ele estava correto e isto mostrava de que maneira eu estava “realizando o ministério”. Pouco a pouco, comecei a perceber as falhas em meu próprio ministério e em todo o Movimento de Crescimento de Igrejas.

No cerne do ensino de Wagner e do Movimento de Crescimento de Igrejas encontram-se *princípios* relacionados ao evangelismo. Wagner tem promovido de modo admirável o trabalho de evangelismo como sendo um dos mais importantes na igreja local. Quando a maneira de pensar de Wagner sobre evangelismo é examinada à luz das Escrituras, surgem algumas questões sérias. Ele divide o evangelismo nas seguintes categorias (*Church Growth: State of the Art*, editado por C. Peter Wagner, com Win Arn e Elmer Towns,

Wheaton, Tyndale House Publishers, 1988, pp. 296-297):

1. **Evangelismo de Presença.** Aproximar-se das pessoas e ajudá-las, fazendo o bem no mundo. Designado evangelismo “1-P”.

2. **Evangelismo de Proclamação.** Apresentar o evangelho; a morte e a ressurreição de Cristo é proclamada; as pessoas ouvem e podem responder. Designado evangelismo “2-P”.

3. **Evangelismo de Persuasão.** Fazer discípulos; enfatiza a importância de não fazer separação entre o evangelismo e o acompanhamento, integrando a pessoa ao Corpo de Cristo. Designado evangelismo “3-P”.

Wagner ressalta que todos os três tipos de evangelismo são importantes, mas o objetivo tem de ser a realização do evangelismo “3-P”. Poucos discordariam do fato que o evangelismo “1-P” não pode adequadamente anunciar o evangelho ao incrédulo; e que sem a *presença visível* daqueles que foram despertados pelo evangelho, todo o outro evangelismo seria anulado.

O maior problema surge no entendimento de Wagner referente ao evangelismo “2-P”. De acordo com a definição, parece ser mais do que uma pregação ou um testemunho verbal dos fatos do evangelho. Por conseguinte, o incrédulo pode determinar se os fatos apresentados são dignos de sua decisão de aceitar o evangelho.

O evangelismo “3-P” constitui o ponto central dos proponentes do Movimento de Crescimento de Igrejas. Realmente envolve tanto a *presença* quanto a *proclamação*, mas isto não é tudo. O evangelista precisa usar todos os meios à sua disposição para *persuadir* o incrédulo a converter-se de seu pecado e crer em Jesus, de modo que torne-se um discípulo. Em suas aulas, Wagner serve-se da palavra grega *peitho* e seu emprego no livro de Atos. Ele cita Atos 13.43; 17.4; 18.4; 26.28 e 28.23-24, onde *peitho* é utilizada como uma referência ao apelo evangelístico. Wagner constantemente retrata esta palavra com o significado de “persuadir”. Portanto, o evangelismo adequado é o *evangelismo de persuasão*.

O Novo Testamento está repleto de passagens referindo-se ao trabalho de evangelismo.

Existem vários problemas na dedução de Wagner extraída destas passagens do livro de Atos. Em primeiro lugar, não é sábio elaborar uma teologia sobre uma parte histórica das Escrituras, a menos que não haja quaisquer passagens didáticas ou instrutivas falando sobre aquele assunto. O Novo Testamento está repleto de passagens referindo-se ao trabalho de evangelismo. A mais notável é a evidente explicação do apóstolo

Paulo sobre o seu método de evangelizar: “*Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O JUSTO VIVERÁ POR FÉ*” (Rm 1.16-17). Paulo declarou que o evangelho é bastante adequado por meio da obra do Espírito Santo em trazer o homem a um salvífico conhecimento de Cristo.

Os primeiros discípulos jamais anunciaram insensivelmente o evangelho!

Em 1 Coríntios 2.4-5, Paulo destacou que procurava anunciar o evangelho no poder do Espírito Santo, ao invés de utilizar as técnicas comuns que os gregos empregavam para controlar a mente — “*A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva [peitho, no grego] de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus*”. Paulo também argumentou que os cristãos devem viver de tal modo a realidade do evangelho, que parecerão como “*luzeiros no mundo*”, isto corresponde ao evangelismo “*1-P*”, de acordo com a definição de Wagner. Logo em seguida, o após-

tolo mostra o apropriado método de evangelismo — “*preservando a palavra da vida*”, que mostra o crente na posição de alguém que apresenta (isto é, “*proclama*”) aos homens incrédulos a verdade da Palavra de Deus, a qual outorga vida (Fp 1.15-16).

Em segundo, o fato de Wagner utilizar *peitho* como base para o *evangelismo de persuasão* é extremamente fraco. Limitar esta palavra a apenas um significado demonstra uma falta de entendimento da amplitude da língua grega. Embora *peitho* seja traduzida “*persuadir*”, em diversas passagens, também pode ser melhor traduzida por “*instigar*”, “*convencer*”, “*seduzir*”, “*suplicar*” e, ainda, “*subornar*”, em outros casos. O contexto determina a melhor tradução da palavra.

Os primeiros discípulos... eram apaixonados pela verdade que havia transformado suas vidas.

Lucas, o escritor de Atos, utilizou *peitho* para referir-se a certo tipo de metodologia persuasiva usada por Paulo ou outros dos primeiros discípulos? Obviamente, Lucas jamais desejaria empregar manipulação, artimanha ou engano na obra de evangelismo (ver o uso de *peitho* em Atos 12.20, 14.19 e 19.26, onde as idéias de

“seduzir” e “subornar” são transmitidas no texto grego desses versículos). Fazer isto seria negar a necessidade da obra do Espírito Santo, a qual precisa estar no centro do verdadeiro trabalho de evangelismo (Rm 8.9, 12-17; 1 Ts 1.4-5).

Paulo compreendia que os pecadores compareceriam diante do Deus justo e santo, por isso se esforçava para “conquistar os homens para Cristo”.

Em Atos 13.43, a Bíblia Revista e Corrigida traduz corretamente *peitho* pelo vocábulo “exortar”, mostrando que Paulo e Barnabé utilizaram os melhores poderes de argumentação e seu amor pela verdade, a fim de exortar os ouvintes a “perseverar na graça de Deus”. Em Atos 17.4, “persuadidos” implica em que os tessalonicenses foram convencidos das coisas que Paulo e Silas haviam proclamado. Lucas já havia afirmado que Paulo “arrazoou com eles, acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos” (17.2-3). Essas palavras descritivas demonstram que ocorreu um intenso intercâmbio intelectual, quando os mensageiros utilizaram as provas das Escrituras, uma série

de perguntas e respostas (“arrazoou”, no grego, *dialegomai*), e toda a sua capacidade de questionamento, para convencê-los da verdade. Paulo e seu companheiro, com muito ardor, anunciaram a Palavra de Deus àquelas pessoas incrédulas, apelando, com a verdade, às suas mentes (ver também Atos 18.4 e 28.23, onde *peitho* é mais naturalmente traduzida por “persuadir”).

Em terceiro, a idéia do evangelismo “3-P” sugere que a proclamação no evangelismo “2-P” carece do poder de persuasão. Os primeiros discípulos jamais anunciaram insensivelmente o evangelho! Eles eram apaixonados pela verdade que havia transformado suas vidas. A sua apresentação do evangelho continha uma argumentação consistente e lógica. Eles apelavam à *mente* dos incrédulos, ao invés de procurarem manipular uma “decisão por Cristo”, recorrendo, em primeiro lugar, à *vontade* e às *emoções*. A passagem de Atos 17 mostra isso de maneira conclusiva, assim como toda a narrativa do livro.

Paulo... procurava os perdidos, anunciava-lhes com intenso amor o evangelho, mas dependia do poder do Espírito Santo para salvá-los.

No século 19, Charles Haddon Spurgeon foi conhecido como o

supremo exemplo de um verdadeiro evangelista. O alcance de seu evangelismo tornou-se mais amplo do que o de qualquer outro em seus dias. Ele poderia ter sido acusado de usar de manipulação ou métodos emocionais de evangelismo centralizados no homem. Todavia, ninguém o acusaria de proclamar o evangelho sem amor e persuasão. O próprio evangelho, ao ser anunciado de maneira correta, é *persuasivo!* E este evangelho, quando crido para a salvação, devido à obra de regeneração realizada pelo Espírito Santo, produz verdadeiros discípulos.

O verdadeiro evangelismo se esforça por anunciar, com amor e clareza, todo o evangelho de Cristo, na dependência do Espírito Santo para salvá-los.

Finalmente, ao mesmo tempo em que concordo com Wagner, ao afirmar que temos de ser persuasivos ao apresentar o evangelho, a ênfase dele coloca indevida confiança na habilidade do evangelista para realizar conversões. Tal confiança não corresponde ao ensino das Escrituras (ver 1 Co 2.1-16; cf. também a excelente discussão de Iain Murray sobre este assunto, em *Revival and Re-avivalism* [Avivamento e Avivamento], Banner of Truth Trust,

1994, pp. 161, ss.). O apóstolo Paulo estava tão dominado pela certeza do julgamento divino, que afirmou: “Conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens” (2 Co 5.11). O significado natural deste versículo é este: Paulo compreendia que os pecadores compareceriam diante do Deus justo e santo, por isso se esforçava para “conquistar os homens para Cristo”. Ele procurava os perdidos, anunciava-lhes com intenso amor o evangelho, mas dependia do poder do Espírito Santo para salvá-los. Aqueles que o Espírito salvasse inevitavelmente se tornariam parte da igreja visível. O verdadeiro evangelismo se esforça por anunciar, com amor e clareza, *todo* o evangelho de Cristo, na dependência do Espírito para salvá-los. Esse evangelismo resultará na obra de integrar o novo crente à igreja. A disparidade ocorre quando o evangelista considera a si mesmo e aos seus métodos como chaves para a salvação dos homens, ao invés da obra regeneradora da parte do Espírito Santo.

Somente por meio do ato regenerador prove-niente do Espírito Santo, o pecador realmente pode ter uma mudança de natureza;

Wagner fundamenta sua classificação de evangelismo na “Escala de Engel”, que é um “modelo

do processo de decisão espiritual” desenvolvido por James Engel. A escala tem uma série de números negativos e positivos que descreve o processo de evangelismo:

- 8 Consciência de um Ser Supremo, mas não um conhecimento eficaz do evangelho.
- 7 Conhecimento inicial do evangelho.
- 6 Conhecimento dos fundamentos do evangelho.
- 5 Assimilação das implicações do evangelho.
- 4 Atitude positiva para com o evangelho.
- 3 Reconhecimento do problema pessoal.
- 2 DECISÃO DE FAZER ALGO.
- 1 Arrependimento e fé em Cristo. REGENERAÇÃO — UMA “NOVA CRIATURA”
- +1 Avaliação após a decisão.
- +2 Integração no Corpo
- +3 Início do crescimento informativo e comportamental.

O problema básico na “Escala de Engel” é a reversão da ordem bíblica referente ao *arrependimento e fé em Cristo* e à *Regeneração — uma “Nova Criatura”*. Seguindo a lógica desta escala, alguém poderia imaginar que um pecador precisa apenas começar a entender as implicações fundamentais do evangelho, reconhecer seu “problema pessoal” (uma maneira amena de se transmitir a idéia de “pecado”) e tomar a decisão de ser salvo. Aquilo que Wagner admite concernente à regeneração implica em que um pecador não tem de ser totalmen-

te depravado ou morto em seus delitos e pecados. Ao contrário disso, a regeneração antecede o arrependimento e a fé, conforme está claramente ensinado nas Escrituras, em muitas passagens que falam sobre a regeneração (observe os seguintes versículos que a ela se referem: Tito 3.5, onde o vocábulo grego *paliggenesia* significa “um novo nascimento”; Efésios 2.5 e Colossenses 2.13, *sunezoopoisen* significa “vivificar juntamente com”; João 3.3 e 5, *gennaio* significa “ser nascido, gerado”; Tiago 1.18 *apekuaasen* significa “dar à luz”, “gerar”).

“Nenhum rio pode, de si mesmo, correr em uma direção mais elevada do que sua nascente...”

A grande premissa de Wagner é esta: se o incrédulo for persuadido a tomar a decisão de se arrepender e crer, *então* será regenerado. A atitude do pecador, por conseguinte, causa a sua própria regeneração. Ele tem a capacidade de fazer uma escolha voluntária e apropriada em relação ao evangelho, se receber *evangelismo de persuasão* ou “3-P”. De que maneira a natureza do pecado o *torna* bastante capaz de arrepender-se e crer? Se o problema espiritual do pecado resulta não somente de seu comportamento pecaminoso mas também de sua natureza corrupta,

concluímos: até que sua natureza seja mudada, ele não *haverá de* arrepender-se e crer; fazer isto será contrário à sua própria natureza. Além disso, como pode um morto vivificar a si mesmo (o que ocorre na regeneração)? Isto é apresentado com clareza em Efésios 2.1-5, onde Paulo afirma duas vezes que a pessoa não-regenerada está morta.

“Se o homem está realmente morto em delitos e pecados, ele é incapaz de manifestar qualquer virtude que contenha, em si mesma, o elemento da verdadeira santidade ou vida espiritual.”

C. R. Vaughan, em *The Gifts of the Holy Spirit (Os Dons do Espírito Santo)*, explica a incapacidade do homem em libertar-se de sua natureza pecaminosa e seguir a fé, o arrependimento e a santidade: “Nenhum rio pode, de si mesmo, correr em uma direção mais elevada do que sua nascente; nenhuma natureza pode transcender a si mesma na manifestação de suas energias. Se o homem está realmente morto em delitos e pecados, ele é incapaz de manifestar qualquer virtude que contenha, em si mesma, o elemento da verdadeira santidade ou vida espiritual” (Banner of Truth Trust, 1984, p. 175).

Contudo, no paradigma de Wagner, o evangelista tenta vencer um pecador a fazer algo que não deseja. Sua natureza exige que ele se rebele contra o evangelho, ao invés de aceitá-lo. Somente por meio do ato regenerador proveniente do Espírito Santo, o pecador realmente pode ter uma mudança de natureza; isto o leva a perceber que está separado de Deus, por causa do pecado, e, em seguida, a apropriar-se da obra propiciatória de Cristo em favor dele, de modo que, com alegria, ele se arrepende e crê em Cristo. Assim como no vale de ossos secos contemplado por Ezequiel, o pecador está morto para as coisas de Deus, até ser despertado pelo Espírito, que outorga a vida, no novo nascimento (compare João 3.1-7 com Ezequiel 37, onde “o Espírito” e “o vento” referem-se à mesma Pessoa divina e sua obra).

A prioridade no evangelismo “3-P”, do Movimento de Crescimento de Igrejas, demonstra que o evangelismo “2-P” não é capaz de realizar a obra. O evangelismo de proclamação apenas abre a porta para fazer a luz do evangelho entrar, de modo que o incrédulo possa ouvi-lo bem, mas fica aquém de se tornar um discípulo. O evangelista tem de utilizar os métodos, as abordagens e as técnicas corretas para realmente fazer um discípulo. Precisa apelar às *necessidades sentidas* do pecador, para que este *se interesse* pelo evangelho. Neste ponto, o Movimento apresenta um amplo conjunto de princípios e axiomas que, em-

pregados corretamente, podem quase garantir os resultados.

O Movimento de Crescimento de Igrejas prosperou fundamentado nesse ponto de vista extremamente arminiano acerca do evangelismo. Seminários, conferências, palestras, livros, módulos com esse tipo de abordagem inundaram o cristianismo evangélico. Os crentes de todas as denominações estão utilizando os princípios do Movimento de Crescimento de Igrejas para conquistar grandes números e estabelecerem igrejas enormes. A *proclamação* da Palavra de Deus não possui mais o lugar central nessas igrejas. O ensino da sã doutrina é considerado algo desnecessário e antiquado. Em seu lugar, métodos e grandes realizações se tornaram o atrativo para as pessoas freqüentarem as igrejas e decidirem tornar-se membros delas. Enquanto estas igrejas falam sobre a obra do Espírito Santo, negligenciam sua dependência da obra regeneradora proveniente dEle.

Revolução Teológica

Após concordar com a teologia bíblica dos fundadores de nossa denominação, comecei a duvidar dos princípios do Movimento de Crescimento de Igrejas, os quais eu havia aprendido. Enquanto estudava e pregava expositivamente sobre Efésios, todo o meu conceito acerca daquele Movimento foi estilhaçado pela verdade da Palavra de Deus. Estudando, com intensa meditação, Efésios 1.1-14, durante um período

de dois meses, tive de concordar com algumas doutrinas que, durante alguns anos, eu evitara cuidadosamente. Pensei muito sobre a soberania de Deus e a depravação do homem, crendo nessas verdades tanto quanto podia entendê-las. Porém, deixara de perceber que, se acreditava no ensino bíblico a respeito da soberania de Deus e da total depravação do homem, a conclusão lógica a que eu deveria chegar era o equilíbrio das “Doutrinas da Graça”, que Edwards, Whitefield, Spurgeon, Boyce e outros ensinaram. Qualquer coisa inferior a isso retrataria Deus como alguém não completamente soberano, e o homem, não totalmente depravado.

**Minha teologia
precisava determinar
minha atitudes no
ministério e vida
diária.**

Por conseguinte, deparei-me com a pergunta: se a conversão é totalmente uma obra da graça divina, então quem sou eu para imaginar que minhas técnicas e métodos podem converter uma alma sequer? Compreendi que minha teologia precisava determinar minha atitude no ministério e vida diária ou seria um hipócrita em ambos. Comecei a abandonar a maioria dos ensinamentos que havia recebido em meus anos de estudo no Movimento de Crescimento de

Igrejas (exceto os princípios de bom senso e aqueles apresentados claramente nas Escrituras). Procurei concentrar-me em ensinar a Palavra de Deus, com clareza, pureza e amor, abordando as doutrinas encontradas nos textos dos sermões de cada semana.

Voltei à minha tarefa de pregação com uma nova convicção de pregar “todo o desígnio de Deus”.

Essa radical mudança na teologia aconteceu no outono de 1990. Precisava participar de dois seminários para meu diploma de bacharel, mas alegremente eu os dispensei em troca da bênção de passar quinze meses estudando Efésios. A cada semana examinando o texto grego, lendo Martin Lloyd-Jones, John MacArthur, Leon Morris, John Stott e outros forneceu-me um claro entendimento de toda a gloriosa mensagem de redenção. Voltei à minha tarefa de pregação com uma nova convicção de pregar “todo o desígnio de Deus” (At 20.27). Sabia que nem todos receberiam com satisfação aquilo que eu estava pregando, mas tinha a responsabilidade de, paciente e transparentemente, anunciar a Palavra, deixando o Espírito fazer a obra necessária.

Esta mudança aconteceu com a aprovação de todos em nossa

igreja? Absolutamente, não! Na verdade, descobri uma disposição em muitos que sentiam intenso desejo para que a verdade de Deus fosse proclamada sem apologia ou temor dos homens. Alguns adquiriram uma maravilhosa liberdade de andar na verdade de Deus. Outros lutaram contra a Palavra de Deus, perseverando com firmeza em crenças que haviam sido danificadas pela experiência e pelas tradições.

Descobri que afastar-me das práticas do Movimento de Crescimento de Igrejas, para realizar um ministério de acordo com o legado dos fundadores de nossa denominação, poderia não alcançar as massas (embora esteja orando e esperando para ver muitos virem a Cristo e serem trazidos à igreja). Em alguns casos, realmente enfrentamos oposição. Todavia, a grande motivação do meu coração e mente é que um dia terei de responder ao soberano Senhor pela *maneira como* realizei minha chamada. Minha observação é que muito freqüentemente os pastores conduzem seus ministérios de acordo com as *expectativas* de outros. A pressão exercida sobre os ministros, para que edifiquem igrejas enormes, conquistem grandes números de ouvintes e produzam uma multidão de convertidos constrange alguns a beberem tudo que procede das fontes do Movimento de Crescimento de Igrejas. Quando isso acontece, o ministro inevitavelmente compromete sua responsabilidade de pregar a Palavra e depender da obra do Espírito

Santo. Ele corre de uma técnica para outra, agarrando cada nova idéia vinda dos proponentes do Movimento. Qual é a motivação do ministro do evangelho para fazer tudo o que ele faz? É realmente a glória de Deus e o amor pelo seu reino?

Alguns podem admirar-se de mim e perguntar: “Você acredita em crescimento de igreja?” Com certeza, eu acredito. Desejo muito ver o crescimento realizado pela obra do Espírito Santo e a proclamação fiel da Palavra de

Deus. Porém, se a Palavra e o Espírito não podem realizá-lo, não o quero! De fato, um dia, eu creio, nosso Senhor se deleitará em agir sobre nossa congregação e comunidade com poder, e esse poder despertará os homens. Então, eles saberão que a salvação dos pecadores não vem por meio de nossas técnicas perspicazes, nem por implementarmos os *princípios de crescimento de igreja*, e sim pela soberana graça do todo-glorioso Deus.



Deus não pode enviar a uma nação ou a um povo maior bênção do que dar-lhes ministros fiéis, sinceros e retos, assim como o maior anátema que Deus possa dar ao povo deste mundo é dar-lhes guias cegos, não-regenerados, carnis, mornos e ineptos.

George Whitefield

O fato é que muitos gostariam de unir igreja e palco, baralho e oração, danças e ordenanças. Se nos encontramos incapazes de frear essa enxurrada, podemos, ao menos, prevenir os homens quanto à sua existência e suplicar que fujam dela. Quando a antiga fé desaparece e o entusiasmo pelo evangelho é extinto, não é surpresa que as pessoas busquem outras coisas que lhes tragam satisfação. Na falta de pão, se alimentam com cinzas; rejeitando o caminho do Senhor, seguem avidamente pelo caminho da tolice.

Charles Haddon Spurgeon

A Necessidade da Graça

Charles Haddon Spurgeon

Começando um sermão em Romanos 8.29, Spurgeon disse: “Era muito natural, portanto, que uma profunda experiência espiritual o levasse a perceber claramente as doutrinas da graça. Porque uma experiência assim é a única escola em que estas grandes verdades podem ser eficazmente aprendidas. A falta de profundidade na vida interior é a causa da maioria dos erros doutrinários na igreja. A sã convicção de pecado, a profunda humilhação em face do pecado e um senso de total fraqueza e indignidade naturalmente conduzem a mente à crença nas doutrinas da graça, enquanto que a superficialidade quanto a essas questões deixa o homem satisfeito com seu credo superficial. Os ensinamentos comumente chamados de doutrinas calvinistas, geralmente são mais apreciados e mais calorosamente recebidos por aqueles que tiveram intensos conflitos de alma e aprenderam a força da corrupção interior e a necessidade da graça divina”.

Ele disse, ainda: “Que poderei dizer a vocês que são crentes, senão isto: por amor desta graça, demonstrem gratidão, vivam mais como o Senhor de vocês viveu e mais dedicados ao serviço de Deus. Procurem gastar e serem gastos nEle. Nada pode fazer um homem trabalhar por Cristo tanto como a graça gratuita; e os que crêem nesta doutrina da graça gratuita e, apesar disso, mostram-se inativos, por certo defendem a doutrina na injustiça, pois não existe princípio tão ativo e impulsionador quanto esse”.

C. H. Spurgeon (1834-1892), o grande “Príncipe dos Pregadores”, foi pastor do Tabernáculo Metropolitano de Londres. O historiador Moyer o descreve como um “evangélico ardoroso, um batista firme e um calvinista”. Em 1857, o *Texas Baptist* publicou uma descrição de Spurgeon, que incluía o seguinte: “Ele prega as doutrinas da graça com grande coragem e plenitude; e como Paulo, Whitefield, Berridge e Romaine, ele convida a todos a virem gratuitamente ao nosso Salvador”.

Opinião do Leitor

Gostaria de receber periodicamente a revista “Fé para Hoje”. Sou seminarista e os temas abordados nela são de vital interesse para uma melhor compreensão das doutrinas bíblicas da graça. Agradecendo de antemão pela compreensão, despeço-me.

G.C.S.
Jacarepaguá, RJ

Tendo recebido o primeiro número da revista, dias atrás, terminei de ler hoje os artigos da mesma. Devo dizer que todos foram muito bons e muita edificação me trouxe. Gostaria de solicitar aos irmãos para colocar tais artigos em boletins de minha igreja.

E.B.
Salto do Pirapora, SP

Só tenho de agradecer a Deus por esta iniciativa vossa. Que Deus os abençoe abundantemente. Sei que muitos estão sendo abençoados com este trabalho. Tanto eu como minha esposa já temos usado esse material em nosso trabalho com a igreja do Senhor Jesus.

J.D.L.
Alfenas, MG

Logo que me chegou às mãos a revista “Fé para Hoje”, li-a num

fôlego só; sem ver o tempo passar. Sem dúvida alguma, é uma revista muito abençoada. Artigos pertinentes à nossa época, teologia ortodoxa, sem exageros de qualquer lado. Enfim, um verdadeiro compêndio de vida cristã.

M.P.S.
São Roque, SP

Recebi ontem a revista “Fé para Hoje” número 2; estou terminando sua leitura. Esta revista precisa estar na mãos de todos os pastores, missionários, evangelistas, professores de seminários e seminaristas, para que a evangelização seja realmente bíblica. Parabéns pela revista; está ótima.

S.B.C.
Fronteira, MG

Quanto aos artigos publicados, fiquei muito satisfeito e serviu para mim como exortação e consolo. O artigo que mais me chamou a atenção foi: “O Supremo Dever do Pastor”, de Thomas Ascol. Quanto à posição adotada pelo “Príncipe dos Pregadores”, Charles H. Spurgeon, sou de pensamento diferente, mas isso não faz com que eu deixe de considerar o que ele escreveu.

L.T.D.V.
Natividade, RJ